

JOÃO DE
ALMEIDA SANTOS

“A crise do Estado é a crise da esquerda”

Não há muito tempo tudo parecia ser sólido e indestrutível nas sociedades ocidentais. E, claro, na portuguesa. O futuro imaginava-se como uma evolução do presente, próspero e seguro. De repente, um sopro mais forte transformou todas as certezas em incertezas. Uma nova teoria do dominó surgiu: a crise financeira trouxe a do crédito e esta, a do Estado social. A actual crise é uma fogueira que queima velozmente conceitos e consensos que se julgavam eternos. Serve de desculpa para tudo, até para a austeridade sem fim e sem limites. É, neste momento de falta de referentes, onde a própria esquerda parece não perceber onde está o norte na sua bússola existencial, que surge um livro que vem agitar as ideias e os ideais. João de Almeida Santos coordenou “À Esquerda da Crise”, onde uma série de nomes sonantes da esquerda moderada (Luís Amado ou Carlos Zorrinho, Guilherme d’Oliveira Martins ou Rui Pereira, José Conde Rodrigues ou João Cardoso Rosas), colocam sobre a mesa as suas dúvidas e certezas sobre a forma como se tem debatido a crise. João de Almeida Santos, coordenador do livro, é ele próprio um dos intervenientes nesta estimulante conversa para a fogueira do debate à esquerda. Como explica nesta pequena conversa.

FERNANDO SOBRAL

fsobral@negocios.pt

Fala-se muito de crise. Debate-se pouco a essência dela e o que põe em causa. Como é que nasceu esta ideia?

Em boa verdade, este livro é uma continuação. Muitos dos autores já tinham colaborado noutros livros. Os colaboradores permanentes sou eu, o Guilherme d’Oliveira Martins, o Carlos Zorrinho e o José Conde Rodrigues. Em períodos muito especiais, fazemos reflexões sobre um tema de actualidade. Este livro tem três irmãos anteriores. O primeiro foi sobre a “Terceira Via”, o segundo foi sobre o Novo Ciclo e o relançamento do governo de António Guterres, e o terceiro foi lançado pela altura da candidatura do Ferro Rodrigues. Este quarto volume surge do repto feito pelo Assírio Bacelar e pelo João Carlos Alvim. Fizem-me o desafio para uma reflexão para além da espuma dos dias. Reflectindo sobre a crise, mas projectando-a no futuro e também naquilo que são as grandes variáveis da crise, estruturais. Fui convidar os habituais colaboradores e a escolha foi determinada pelos vários aspectos que entendi deverem constar deste livro. O Luís Amado tem um grande conhecimento sobre a política internacional na época da globalização e sobre as questões que se colocam nesta nova era. Eu próprio tendo vindo a reflectir sobre o fim de paradigma, que foi inaugurado no século XVIII, com a Modernidade e que está a mudar. Do jurídico à política e ao Estado representativo, até à comunicação e às mudanças aceleradas pela rede. Que anunciam tempos novos. Ando dedicado à evolução do tempo das grandes organizações, partidos, igreja e media. As plataformas móveis estão a mudar as relações sociais e físicas. A rede está a ter uma influência impressionante sobre o fenómeno político. Veja-se o caso de um laboratório, a Itália. Foi lá que o fascismo começou. No fim do século XX, o fenómeno Berlusconi é novo e único no mundo e representa a fase extrema da chamada civilização mediática, onde os media acedem directamente ao poder.

Essa deslocação para um poder mediático coincide com a desagrega-

ção do Estado Social. Começa a ver-se a destruição do sustentáculo da democracia, as classes médias, e o crescimento de sistemas políticos mais fechados ou musculados, não?

Os media, mercê do poder que adquiriram, acabaram por se transformar em protagonistas políticos directos. A função que os media têm de informar os cidadãos para que estes possam decidir, com códigos éticos como a neutralidade ou a objectividade, ganhou tal poder que eles se tornaram protagonistas políticos e económicos. Entram na política e provocam alterações na política. Ao ponto de a colonizarem. O caso Berlusconi atingiu esse ponto máximo. Neste período, a classe média, que era um dos sustentáculos do poder representativo, sofreu uma alteração radical. Já não temos a velha classe média profissionalmente estável, portadora de uma mundividência estruturada, que equilibrava a sociedade. Hoje é nómada, cultural e geograficamente, e instável economicamente, o que altera a sua fisionomia e o seu papel como estabilizador automático. Na representação clássica, de um lado estava a classe política, do outro o povo. Havia uma espécie de separação clara, que o sistema representava bem, com o mandato. Agora a ideia de representação tornou-se difusa, porque a representação política tornou-se mediática. Os representantes já não têm a exclusividade da representação, porque os grupos económicos chegam à televisão como representantes e esgrimem argumentos, condicionando o exercício do poder. A emergência da rede, de que o caso Beppe Grillo é exemplar, mostra como, em quatro anos de existência, se chega a primeira força política. É um partido digital lutando por uma democracia digital. A evolução da rede na China é visível: passou-se de 59 milhões de utilizadores para 530 milhões. Isto vai produzir efeitos enormes do ponto de vista político.

E que consequência está tudo isto a ter no pensamento da esquerda, que parece agarrada a velhos princípios sem conseguir mudar?
A globalização e o efeito que teve no Estado Social está a bara-

lhar as contas ao modelo social. Está a sofrer o impacto dos mercados financeiros, da dívida soberana e do défice. Alguns criticam-no porque não culpam os fluxos financeiros, mas o próprio Estado Social. É a estigmatização de uma conquista da Europa e que é fundamental para a esquerda. O volume evolui na sua primeira parte para duas reflexões sobre a crise que, de alguma maneira, se complementam e se reforçam mutuamente. No caso, a [reflexão] de Luís Amado sobre a crise, a esquerda e a globalização, e a que eu próprio fiz sobre a crise e o destino do capitalismo. São dois diagnósticos globais, ambos centrados nos problemas que a globalização induziu, no reconhecimento de que, para problemas globais, não têm sido equacionadas soluções institucionais globais e decisões reguladoras globais. São fluxos que já não conhecem fronteiras. E a esquerda, que tem na sua matriz uma dimensão universalista, mas que tem vindo a

